

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

HEINRICH BÖLL

RETRATO DE GRUPO COM SENHORA



cavalo de ferro

Para Leni, Lev e Boris

A principal figura feminina da primeira parte é uma mulher de 48 anos, alemã; mede 1,71 m, pesa 68,8 kg (em roupa de andar por casa), tendo, portanto, apenas cerca de 300–400 g menos do que o peso ideal; tem olhos entre o azul-escuro e o preto, cabelo ligeiramente grisalho, muito espesso e louro, solto, muito liso, que lhe cinge a cabeça como um capacete. Essa mulher chama-se Leni Pfeiffer, o seu nome de solteira é Gruyten, e há trinta e dois anos, com algumas interrupções, é claro, encontra-se sujeita ao estranho processo a que se dá o nome de vida profissional; durante cinco anos trabalhou como auxiliar não especializada no escritório do pai, durante vinte e sete anos como jardineira não qualificada. Como, sob a pressão inflacionista, perdeu levianamente uma fortuna considerável em bens imobiliários, desfazendo-se de um sólido prédio de aluguer na cidade nova que hoje valeria bem uns quatrocentos mil marcos, encontra-se, desde que abandonou o trabalho sem qualquer motivo e sem estar doente ou suficientemente idosa para tanto, bastante desprovida de recursos materiais. Recebe uma pensão de viúva de guerra, que espera venha a ser acrescida de uma pensão de assistência, porque em 1941 esteve casada durante três dias com um oficial subalterno do exército alemão. Bem se pode dizer que, de momento, e não só do ponto de vista financeiro, a vida de Leni corre bastante mal, sobretudo desde que o filho estremecido foi preso.

Se Leni tivesse o cabelo mais curto e lhe desse uma cor mais grisalha, teria o aspecto de uma mulher de 40 anos bem conservada; assim como usa agora o cabelo, o contraste entre o penteado juvenil

e o seu rosto que já não é tão juvenil é grande de mais, dando a impressão de se encontrar no final da casa dos 40; aliás, é essa a sua verdadeira idade; mas, arrisca-se, e ela deveria aperceber-se disso, a passar por uma loura fanada que leva uma vida desregrada ou a procura, o que não é de maneira nenhuma verdade. Leni é uma das raríssimas mulheres da sua idade que poderiam dar-se ao luxo de usar mini-saia: as pernas e as coxas não apresentam indícios de varizes nem de flacidez. No entanto, Leni mantém-se fiel a um comprimento de saia que esteve em moda por volta de 1942, o que, em grande parte, se deve à circunstância de continuar a usar as suas velhas saias; ela prefere usar casacos e blusas, porque lhe parece, com uma certa razão, que por causa do peito as camisolas lhe ficariam mal. No que diz respeito aos casacos compridos e aos sapatos, continua a viver das sobras excelentes e bem conservadas da sua juventude, quando os pais eram gente abastada. *Tweed*s de boa urdidura, cinzento-rosa, azul-esverdeado, preto e branco, azul-celeste (cor lisa) e, se quer cobrir a cabeça, um lenço; o calçado é do género que em 1935–1939 – se houvesse dinheiro – se podia comprar para «durar uma vida».

O facto de, neste momento, Leni viver sem protecção ou conselho masculino permanente torna-a, no tocante ao penteado, vítima de uma ilusão de longa data; dessa ilusão é culpado o seu espelho, um velho espelho de 1894 que, infelizmente para Leni, sobreviveu a duas guerras mundiais. Leni nunca vai a um cabeleireiro nem a um supermercado bem decorado de espelhos; faz as suas compras numa lojinha que está na iminência de ser vítima da evolução do mercado; por isso, ela depende única e exclusivamente deste espelho, acerca do qual já a avó, Gerta Barkel, Holm de seu nome de solteira, dizia que era «enganosamente lisonjeiro»; Leni serve-se dele muitas vezes. O penteado que usa é uma das causas dos seus problemas, mas Leni não se apercebe disso. A única coisa de que se apercebe com grande indignação é da hostilidade cada vez maior do mundo que a rodeia, tanto em casa como na vizinhança. Durante estes últimos meses muitos homens visitaram Leni: eram emissários de instituições de crédito com últimos avisos prementes e que vinham porque ela não respondia às cartas que lhe enviavam; eram executores judiciais;

empregados de escritórios de advogados; e, finalmente, oficiais de diligências, que vinham buscar objectos para penhorar. Além disso, como Leni tem três quartos mobilados que, de vez em quando, mudam de hóspede, surgem também, como é natural, rapazes que andam à procura de quarto. Alguns destes visitantes masculinos tentaram aproximar-se; sem êxito, claro; como toda a gente sabe, os homens que insistem e nada conseguem costumam vangloriar-se dos seus êxitos, pelo que não será difícil adivinhar com que rapidez se arruinou a reputação de Leni.

O A. não está de maneira nenhuma informado sobre todos os aspectos da vida física, psicológica e amorosa de Leni; contudo, não se poupou a nenhum esforço, mas a nenhum, para obter acerca dela aquilo a que se dá o nome de informação objectiva (os informadores serão, até, nomeados na devida altura!), e o que aqui se relata pode ser considerado como probabilidade que roça a certeza. Leni é reservada e discreta — e, já que aqui se referem duas qualidades de ordem incorpórea, acrescentem-se também mais duas: Leni não é uma pessoa azeda e não a atormenta o remorso, nem mesmo o remorso de não ter chorado a morte do primeiro marido. A ausência de remorso de Leni é tão total que seria desnecessário acrescentar um «mais» ou um «menos» à sua capacidade de remorso; é muito provável que nem saiba o que isso seja; neste aspecto — e em vários outros — a educação religiosa de Leni falhou ou dir-se-á que falhou, provavelmente para bem dela.

Eis o que ressalta claramente do que declaram os informadores: Leni já não entende o mundo e duvida se alguma vez o entendeu; não compreende a hostilidade do meio ambiente, não compreende por que razão as pessoas são tão más para ela e em relação a ela; ela que nunca fez mal, mesmo a essas pessoas; de há uns tempos para cá, quando é obrigada a sair de casa para fazer as compras mais inadiáveis, riem-se abertamente dela; entre as expressões com que a mimoseiam, «traste rasca» ou «colchão gasto» são ainda das mais benévolas. Dirigim-lhe, até, insultos que se radicam em acontecimentos

ocorridos há quase trinta anos: meretriz de comunistas, amiguinha dos russos. Leni não reage a tais insultos. Murmurarem-lhe nas costas «galdéria» tornou-se vulgar no seu dia-a-dia. Têm-na por insensível ou, até, destituída de sentimentos; nem uma nem outra coisa corresponde à verdade, pois, segundo declaram testemunhas fidedignas (testemunha: Marja van Doorn), ela fica sentada no quarto horas a fio a chorar e os seus sacos e canais lacrimais estão em constante actividade. Até as crianças da vizinhança, com as quais ainda há pouco mantinha relações de amizade, são açuladas contra ela, dirigindo-lhe palavras que nem elas nem Leni percebem muito bem. Apesar disto pode-se aqui afirmar, segundo declarações pormenorizadas e copiosas, exaustivas, das testemunhas, e também segundo a mais recente fonte de informações sobre a vida de Leni, que esta, até agora e quase com toda a certeza, dormiu com homens no máximo umas duas dúzias de vezes: duas com Alois Pfeiffer, com quem mais tarde casou (uma antes, outra depois do casamento, que teve a duração total de três dias), e as restantes vezes com um segundo homem com o qual se teria, até, casado, se as circunstâncias do tempo o tivessem permitido. Poucos minutos depois de Leni ter a liberdade de entrar directamente em acção (e isso levará ainda algum tempo), terá pela primeira vez dado o que se pode chamar um passo em falso: terá dado ouvidos a um operário turco que, caindo de joelhos, rogou os seus favores, num idioma para ela incompreensível, e ela — ao que se alega — só o terá ouvido por não admitir que alguém se ajoelhe diante dela (o facto de ela própria ser incapaz de se ajoelhar pertence às qualidades que convém apontar desde já). Deveria talvez acrescentar-se que Leni é órfã, tem alguns parentes por afinidade conjugal embaraçosos, outros parentes directos menos embaraçosos na província, e um filho que conta 25 anos, usa o nome de solteira da mãe e se encontra actualmente a cumprir pena de prisão. Há uma característica física que talvez tenha importância e significado até para a avaliação da intrusividade masculina. Leni possui o peito indestrutível de uma mulher que foi ternamente amada e sobre a qual se escreveram poemas. O mundo em que Leni vive gostaria de a expulsar ou destruir; chegam a gritar quando ela passa:

«Some-te» ou «Desaparece», e surge por vezes o desejo de a asfixiarem com gás; se esse desejo se concretizaria, caso surgisse a possibilidade de o satisfazer, eis o que o A. desconhece; tudo o que ele pode acrescentar é que tal desejo é expresso com veemência.

Cumpre referir ainda mais algumas particularidades acerca dos hábitos de Leni: gosta de comer, mas fá-lo com moderação; a sua refeição principal é o pequeno-almoço, composto de dois pãezinhos de côdea a estalar, um ovo fresco mal cozido, um pouco de manteiga, uma ou duas colheres de marmelada (ou, com maior rigor, doce de ameixa, também conhecido por Powidl), café forte, que mistura com leite quente, muito pouco açúcar; interessa-se pouco pela refeição a que se chama almoço: basta-lhe uma sopa e uma ligeira sobremesa; não cozinha à noite; come um pouco de pão, duas ou três fatias, um pouco de salada, salsichas e carne, quando tem dinheiro para tanto. O que Leni mais aprecia são os tais pãezinhos frescos, que ela não deixa que lhe tragam, mas que escolhe pela sua própria mão, não os apalpando mas examinando-lhes a cor; não há nada — pelo menos em relação à comida — que ela tanto deteste como pães que já não estejam frescos. Por causa dos pães, e porque o pequeno-almoço é o seu banquete quotidiano, mistura-se todas as manhãs com os seus semelhantes e aguenta insultos, palavras mesquinhas e atitudes ofensivas.

No que respeita ao tabaco, Leni fuma desde os 17 anos, normalmente oito cigarros, nunca mais do que isso, muitas vezes menos; durante a guerra deixou várias vezes de fumar para fazer chegar os cigarros às mãos de alguém a quem amava (não ao marido!). Leni é daquelas pessoas que gostam de um copinho de vinho de vez em quando, que nunca bebem mais de meia garrafa, e que, conforme o estado do tempo, tomam com agrado um cálice de aguardente ou de xerez, neste último caso consoante a disposição e as finanças. Outras informações: Leni tem carta de condução desde 1939 (concessão especial cujas circunstâncias peculiares serão adiante esclarecidas), mas não tem carro já desde 1943. Gostava de conduzir e fazia-o quase com paixão.

Leni continua a viver na casa em que nasceu. Inexplicavelmente, o bairro foi poupado às bombas ou, pelo menos, razoavelmente poupado;

sofreu uma destruição de 35 % apenas, foi portanto bafejado pela sorte. Há pouco tempo sucedeu a Leni uma coisa que até a levou a falar e que, ainda quente da emoção sofrida, contou com voz excitada na primeira oportunidade à sua melhor amiga e maior confidente, que é também a principal testemunha a que o A. recorreu; certa manhã, ao atravessar a rua para comprar os pãezinhos, reconheceu com o pé direito uma pequena saliência na calçada, que ele – o pé direito – registara pela última vez há quarenta anos, quando Leni saltava ao eixo com outras crianças; trata-se de uma minúscula fractura numa pedra de basalto, que deve ter sido provocada pelo próprio calceteiro ao assentá-la, mais ou menos em 1894. O pé de Leni transmitiu imediatamente o facto ao cérebro, o qual, por sua vez, transmitiu a impressão aos diversos órgãos sensitivos e aos centros do sentimento; e como Leni é uma pessoa extremamente sensual, que transpõe tudo, mas tudo, imediatamente para o erótico, aquela sensação de encantamento, de melancolia, recordação, excitação total fizeram-na experimentar o fenómeno que nos léxicos teológicos – embora com outro significado – se poderia designar por «realização absoluta» do ser, e que, dolorosamente amputado, é classificado por nédios erotólogos e dogmatistas sexoteológicos como «orgasmo».

Antes que surja a impressão de que Leni leva uma vida solitária, convém referir todos aqueles que são seus amigos, a maior parte dos quais atravessaram com ela os maus tempos e, dois, até os maus e os bons tempos. A solidão de Leni é simplesmente uma consequência do seu feitio reservado e discreto; poderia, mesmo, chamar-se-lhe lacónica; de facto só muito raramente «dá largas a si própria», não o fazendo sequer com as suas amigas mais antigas, Margret Schlömer, Zeist de seu nome de solteira, e Lotte Hoyser, cujo apelido de solteira era Berntgen, que se mantiveram fiéis ao lado de Leni quando ela passou pela fase mais difícil. Margret tem a mesma idade que Leni, e, como ela, é viúva, expressão esta, porém, que poderia dar origem a equívocos. Margret andou bastante misturada com homens, por motivos que virão a ser referidos, nunca por cálculo, mas ocasionalmente

contra pagamento — quando a vida lhe corria muito mal; contudo, a melhor forma de caracterizar Margret seria dizer que as únicas relações eróticas verdadeiras foram as que estabeleceu com o homem com quem casou aos 18 anos; foi nessa altura que ela fez a Leni o único comentário comprovadamente meretrício (isto em 1940): «Peguei um tipo rico que me quer levar ao altar.» Margret está agora no hospital, numa enfermaria isolada, sofrendo de uma doença venérea provavelmente incurável — ela própria diz estar «totalmente fora dos eixos» —, todo o sistema endócrino se encontrando perturbado; só se pode falar com ela protegido por uma placa de vidro, e ela fica grata por qualquer maço de cigarros ou qualquer pequena quantidade de aguardente que lhe tragam, nem que seja o frasco mais pequeno que há à venda, cheio da aguardente mais barata. O sistema endócrino de Margret está tão caótico que ela própria «não se espantaria se, de súbito, lhe saísse urina pelos olhos em vez de lágrimas.» Agradece toda a casta de narcóticos e aceitaria também ópio, morfina ou haxixe.

O hospital fica nos arredores da cidade, em pleno campo, formado por pavilhões. Para conseguir acesso a Margret, o A. teve de recorrer a vários processos censuráveis: suborno, burla com cumplicidade das autoridades (apresentou-se como catedrático de sociologia e psicologia da prostituição!).

Convém agora acrescentar às informações sobre Margret que, «em si», ela é de longe menos sensual do que Leni; a perdição de Margret não resultou do seu desejo pelos prazeres da vida; a sua perdição consistiu no facto de desejar dela tanto prazer; mas acerca disto falar-se-á mais adiante. Em todo o caso: Leni sofre, Margret sofre.

Não sofrendo «ela própria», mas sofrendo apenas por Leni — de quem realmente muito gosta — sofrer, mencione-se ainda outra personagem feminina já citada atrás, de seu nome, Marja von Doorn, de 70 anos, e noutros tempos empregada doméstica dos pais de Leni, os Gruytens; vive agora retirada na província, onde uma pensão de velhice, uma

horta, algumas árvores de fruto, uma dúzia de galinhas e o direito a cada meio porco e a cada meia vitela que cria, lhe asseguram um fim de vida razoavelmente agradável. Marja só atravessou com Leni épocas felizes, só teve dúvidas quando «os problemas se avolumavam demais», e – como cumpre expressamente registar –, surpreendentemente, nunca teve dúvidas de ordem moral, mas teve algumas baseadas na nacionalidade. É uma daquelas mulheres que há uns quinze ou vinte anos tinha provavelmente «o coração no sítio certo»; entretanto este órgão precioso escorregou, se porventura ainda existe; certamente não lhe caiu nas calças, pois cobarde nunca ela foi; só o que sente é horror ante a maneira como tratam a sua Leni, que ela bem conhece, sem dúvida melhor do que o homem cujo nome Leni usa. Aliás, Marja van Doorn viveu de 1920 a 1960 na casa dos Gruytens, assistiu ao nascimento de Leni e a todas as suas aventuras, participou em todo o seu destino; acalenta a ideia de voltar para a companhia de Leni, mas dedica agora toda a sua energia (bastante considerável) ao plano de convencer Leni a viver consigo no campo. Horrorizam-na as dificuldades que Leni enfrenta e as que a ameaçam e está, até, pronta a acreditar em certas atrocidades históricas que até aqui não considerava propriamente impossíveis, mas de que duvidava por motivos de ordem quantitativa.

Entre os informadores destaca-se o crítico musical Dr. Herweg Schirtenstein; vive há quarenta anos nas traseiras de um prédio que há oitenta seria tido por feudal, mas que, depois da primeira guerra, baixou de classe, acabando por ser dividido; o facto de residir no rés-do-chão de uma casa cuja parte voltada para o pátio dava para a parte igualmente voltada para o pátio da casa de Leni permitiu-lhe acompanhar de perto e durante decénios os exercícios ao piano e os progressos de Leni e, mais tarde, o seu parcial domínio desse instrumento, sem nunca ter sabido quem é que tocava; conhece Leni de vista, é certo, encontra-a ocasionalmente na rua há quarenta anos (é muito possível mesmo que a tivesse observado a saltar ao eixo noutros tempos, pois interessa-se apaixonadamente

pelos jogos infantis e doutorou-se, até, com uma tese sobre *A Música nas Brincadeiras das Crianças*) e como não é insensível aos encantos femininos, seguiu atentamente, sem dúvida, as várias fases de Leni no decurso dos anos, certamente com um ocasional baixar de cabeça ao reconhecê-la e, possivelmente, até albergando pensamentos de desejo; contudo, cumpre dizer que, comparando-a com as mulheres com as quais Schirtenstein teve intimidade — ele não tomaria Leni muito a sério por a achar um tanto ordinária. Se soubesse que era Leni quem, depois de anos de exercício sem qualquer auxílio, aprendeu a dominar magistralmente duas peças de Schubert para piano, de tal modo que nem a repetição durante décadas a fio conseguiu aborrecer Schirtenstein, talvez modificasse a sua opinião acerca dela — ele, perante quem uma Monique Haas não só tremia como tinha, até, respeito. Voltar-se-á ainda a falar em Schirtenstein, que, involuntariamente, entrou mais tarde com Leni numa relação erótica de tipo não propriamente telepático, mas tele-sensual. Por uma questão de justiça, cumpre dizer que também Schirtenstein atravessaria os maus tempos com Leni; simplesmente, ele não teve nenhuma oportunidade.

Um certo informador de 85 anos sabe muito acerca dos pais de Leni, pouco da vida interior desta e quase tudo da sua vida exterior: refiro-me ao primeiro guarda-livros Otto Hoyser, há vinte anos reformado e que vive num confortável lar para pessoas idosas que reúne as vantagens de um hotel requintado com as de um sanatório de luxo. Visita Leni quase regularmente, ou então é visitado por ela.

Outra testemunha cheia de informações é a sua nora, Lotte Hoyser, Berntgen de seu nome de solteira; os filhos desta, Werner e Kurt, com 35 e 30 anos respectivamente, merecem menos confiança. Lotte tem tantas informações como amargura, mas essa amargura nunca se orientou contra Leni; Lotte tem 57 anos, é viúva de guerra, como Leni, e empregada de escritório.

Lotte Hoyser, dotada de língua afiada, chama *gangsters* ao sogro, Otto (vide supra), e ao filho mais novo, Kurt, sem qualquer reboço

e sem levar em conta os laços de sangue, atribuindo-lhes quase toda a culpa das misérias por que Leni passou; ainda há pouco soube «certas coisas que eu não teria coragem de dizer a Leni, justamente porque ainda não as consegui aceitar completamente. É simplesmente incompreensível.» Lotte habita um apartamento de dois quartos, cozinha e casa de banho no centro da cidade, pagando uma renda que equivale aproximadamente a um terço dos seus proventos. Pensa ir viver para casa de Leni, por simpatia e também, como acrescentou ameaçadoramente (por motivos de momento misteriosos), «para ver se eles, de facto, ousariam correr comigo. Receio bem que sim.» Lotte é empregada de um sindicato «sem convicção» (como disse espontaneamente), «apenas porque gostaria de continuar a comer e de viver.»

Outros informadores, aliás não os de menor importância, são o eslavo Dr. Scholsdorff, que se viu lançado na vida de Leni por causa de uma enorme complicação ou sarilho; esta complicação, se bem que enorme, será explicada mais adiante. Por circunstâncias bastante enredadas que serão igualmente esclarecidas a seu tempo, Scholsdorff ingressou no serviço superior das finanças; pretende pôr termo em breve a essa carreira pedindo uma reforma antecipada.

O Dr. Henges, outro eslavo, desempenha um papel subalterno; como informante é, para já, um sujeito duvidoso, embora tenha consciência deste facto, que ele próprio acentua e quase saboreia. Declara-se «totalmente depravado», afirmação que o A. não gostaria de aceitar, justamente porque provém do próprio Henges. Sem que lho perguntassem, confessou haver «atraído o meu russo, o meu russo magnífico», ao serviço de um diplomata com condes na família, recentemente assassinado na União Soviética, ao «recrutar» mão-de-obra para a indústria alemã de armamento. Henges vive em «circunstâncias financeiras que não deixam de ser satisfatórias» (H. falando acerca de H.) e reside no campo, nas cercanias de Bona, onde trabalha como tradutor para escritórios e para diversas revistas que se debruçam sobre a política de Leste.

Seria demasiado longo enumerar aqui em pormenor todos os informantes que serão apresentados na altura própria e retratados no seu ambiente. Como informante, não acerca da própria Leni, mas apenas de uma figura importante na vida desta, cite-se uma freira católica e também um antigo livreiro antiquário, que se dá suficientemente identificado pelas iniciais B. H. T.

Um informador fraco mas ainda vivo que tem de ser recusado por parcial quando se trata de Leni; é o cunhado desta, Heinrich Pfeiffer, de 44 anos, casado com uma tal Hetti, de seu nome de solteira Irms, de quem tem dois filhos, Wilhelm e Karl, de 18 e 14 anos respectivamente.

No lugar próprio apresentar-se-ão ainda, com todo o pormenor que a sua importância exige: três personalidades do sexo masculino altamente colocadas — uma é um político, outra pertence aos círculos da indústria pesada e a terceira é um dos altos funcionários ligados ao armamento; duas operárias inválidas, dois ou três soviéticos, a dona de uma cadeia de lojas de flores, um velho chefe de jardineiros, um antigo proprietário de um viveiro de plantas, homem ainda não muito velho e que (diz ele!) «se dedica por completo a tratar dos seus assuntos» e alguns outros. Os informadores *importantes* são apresentados com elementos exactos quanto à sua estatura e ao seu peso.

O mobiliário da residência de Leni, ou seja, aquilo que ficou depois de várias penhoras, é uma mistura de 1885 e 1920-1925: por herança dos pais, em 1920 e 1922 entraram em casa dela várias peças de *art nouveau*, uma cómoda, uma estante para livros e duas cadeiras, que, apesar da sua preciosidade, como peças de antiquário, escaparam

até agora ao oficial de diligências e foram consideradas «tralha» sem valor para fins de penhora. Penhoradas e levadas pelos ditos oficiais foram, sim, dezoito pinturas originais de pintores contemporâneos locais, de 1918–1935, predominando os temas religiosos, cujo valor, por se tratar de originais, foi sobrestimado pelo executor de penhoras e cuja perda não foi de forma alguma dolorosa para Leni. Os ornamentos de parede de Leni são reproduções coloridas e fiéis dos órgãos do corpo humano; quem lhas arranja é o cunhado, Heinrich Pfeiffer; ele é escriturário dos Serviços de Saúde, tem a seu cargo, entre outras coisas, o material de ensino e divulgação, e, «embora isto não esteja absolutamente de acordo com a minha consciência» (H. Pfeiffer), leva a Leni os quadros já gastos e retirados do uso; para que o seu procedimento seja contabilisticamente correcto, Pfeiffer separa os quadros e paga por eles uma pequena importância; como é a ele que «incumbe» também a obtenção de quadros novos para substituir os usados, Leni lá consegue uma vez por outra obter por meio dele uma nova reprodução que traz directamente da casa editora e paga do seu próprio bolso (de magro recheio). Ela própria repara os quadros usados: limpa-os cuidadosamente com espuma de sabão ou benzina, retoca as linhas com um lápis preto de grafite e, recorrendo a uma caixa de aguarelas barata que lhe ficou dos dias de infância do filho, pinta os quadros. O seu favorito é uma ampliação cientificamente exacta do olho humano, pendurada por cima do piano (para salvar o instrumento, já várias vezes empenhado, e impedir que fosse levado pelos oficiais de diligências, Leni humilhou-se a fazer peditórios entre os antigos conhecidos de seus falecidos pais, a obter adiantamentos de renda dos seus sublocatários, a solicitar empréstimos do cunhado Heinrich e muitas vezes a visitar o velho Hoyser, cujas carícias aparentemente familiares nem sempre o são para Leni; segundo afirmam as três testemunhas de maior confiança — Margret, Marja, Lotte —, ela chegou a confessar que, para salvar o piano, estaria disposta a «andar na rua» (frase fantasticamente ousada para Leni). As paredes de Leni estão também ornamentadas com órgãos menos bem considerados, como os intestinos humanos, e não faltam sequer os órgãos sexuais acompanhados de uma descrição exacta das suas

várias funções — ornamento mural ampliado e encaixilhado que surgiu em casa de Leni ainda muito antes de a pornoteologia o ter popularizado. Já tem havido fortes discussões entre Leni e Marja acerca destes quadros, que Marja classifica de imorais, mas Leni mantém-se firme e teimosa.

Como será necessário vir a fazer referência à posição de Leni perante a metafísica, diga-se desde já: a metafísica não causa a Leni a menor dificuldade. Está familiarizada com a Virgem Maria, recebe-a quase diariamente no ecrã da televisão, sempre surpreendida por também a Virgem ser loura e não tão nova como seria de desejar; estes encontros realizam-se no maior silêncio, quase sempre a horas mortas, quando toda a vizinhança dorme e os programas usuais de televisão — incluindo o holandês — emitem a imagem de fim de emissão. Leni e a Virgem Maria sorriem-se simplesmente uma para a outra. Nem mais nem menos. Leni não ficaria de forma alguma espantada, muito menos alarmada, se um dia lhe fosse apresentado o filho da Virgem no ecrã depois de a emissão chegar ao fim. Se é por isso que ela espera, eis o que o narrador desconhece. O facto, porém, não o surpreenderia depois de tudo o que entretanto descobriu. Leni sabe duas orações, que murmura de vez em quando: o Padre-Nosso e a Ave-Maria. Também alguns bocados do Rosário. Não tem missal, não vai à igreja, está convencida de que existem no espaço «seres com alma» (Leni).

Antes de falarmos com mais ou menos lacunas da educação de Leni, deitemos um olhar à sua estante. A maior parte das poeirentas obras que ali jazem sem brilho é constituída por uma biblioteca que o pai certa vez adquiriu a granel. Tem tudo a ver com as pinturas a óleo, mas escapou até aqui à penhora; lá figuram também séries de alguns anos completas de um velho mensário ilustrado de orientação eclesiástica (católica), que Leni folheia de vez em quando; esta revista — raridade bibliográfica — deve a sua sobrevivência apenas à ignorância do oficial de diligências, que se deixou iludir pela sua fraca aparência.

Não escaparam, porém, infelizmente, à atenção deste, os anos de 1916–1940 da revista *Hochland*, nem as poesias de William Butler Yeats, procedentes da herança por parte da mãe de Leni. Observadores mais atentos, como Marja van Doorn, que durante muito tempo teve de se ocupar deles porque lhes limpava o pó, ou Lotte Hoyser, que durante a guerra foi a segunda mais íntima confidente de Leni, descobrem nesta estante *art nouveau* sete ou oito títulos surpreendentes: poemas de Brecht, Hölderlin e Trakl, dois volumes de prosa de Kafka e Kleist, dois volumes de Tolstoi (*Ressurreição* e *Anna Karénina*) – e todos estes sete ou oito volumes foram lidos e relidos da maneira mais honrosa e, para os autores, mais lisonjeira, porque as folhas foram coladas vezes sem conto e com pouca perícia profissional com os materiais aderentes mais diversos e toda a espécie de fita gomada e os volumes conservados unidos apenas por um elástico. A proposta de lhe serem oferecidas novas edições das obras desses autores (pelo Natal, pelo aniversário, dia onomástico, etc.) rejeita-as Leni com uma firmeza quase ofensiva. O A. permite-se aqui um comentário que excede a sua competência: está firmemente convencido de que até alguns dos volumes de prosa de Beckett figurariam na estante, se tivessem aparecido ao tempo em que o conselheiro literário de Leni ainda exercia influência sobre ela, ou se ele os tivesse conhecido.

Entre as paixões de Leni contam-se não só os seus oito cigarros diários, um bom prazer, embora contido, a execução das duas peças de piano de Schubert, o prazer na contemplação das reproduções dos órgãos humanos, incluindo os intestinos, e pensamentos ternos que consagra ao filho, Lev, agora preso. Também gosta de dançar e foi sempre uma dançarina apaixonada (o que *certa vez* lhe foi fatal, pois desse modo entrou na posse indissolúvel do nome Pfeiffer, que não lhe agrada). Mas onde pode ir dançar uma mulher solitária, de 48 anos, votada pelo mundo que a rodeia à morte pelo gás? Deverá ir para os lugares onde se reúnem os jovens fanáticos da dança, onde seria, sem dúvida, mal compreendida, como uma avó libidinosa, e possivelmente,

até, maltratada? Também a participação em bailes organizados pelo padre lhe está vedada, visto que desde os 14 anos vive afastada da Igreja. Se encontrasse outras amigas de infância, sem ser Margret — que provavelmente não poderá voltar a dançar até ao fim da vida —, ainda seria capaz de cair nalgum baile de *strip* ou de troca de pares, sem ela própria ter um par que fosse seu, e coraria então pela quarta vez na vida. Até à data, Leni só corou três vezes em toda a sua existência. Que faz ela então? Dança sozinha, por vezes quase despida, no *living*, e nua, mesmo, no quarto de banho, diante do espelho lisonjeiro. De vez em quando vêem-na e, até, a surpreendem, o que de forma alguma contribui para a sua boa reputação. Certa vez dançou com um dos hóspedes, um funcionário do tribunal, o precocemente calvo Erich Köppler; Leni *quase* teria corado nessa altura se os gestos desse senhor não tivessem sido demasiado grosseiros; fosse como fosse, teve de o mandar embora, pois ele — que não era estúpido nem de modo algum destituído de instinto — reconheceu a enorme sensualidade de Leni e, desde o «pé de dança arriscado» (Leni), que teve lugar muito espontaneamente quando, ao vir pagar a renda, ele a surpreendeu a ouvir música de dança, pôs-se a choramingar todas as noites à porta do quarto dela. Leni não lhe quis dar ouvidos porque não gostava dele, e desde então Köppler, que arranjou quarto nas proximidades, é um dos seus piores denunciante; de vez em quando, em conversas confidenciais com a proprietária da tal loja prestes a ser devorada pela evolução do mercado, conta com realce pormenores íntimos dos seus amores fictícios com Leni; essas histórias excitam de tal maneira a proprietária — beldade gélida cujo marido passa as noites fora de casa (trabalha numa fábrica de automóveis) — que ela se fecha no quarto das traseiras com o calvo assessor forense, entretanto promovido, para se lhe entregar generosamente. Esta pessoa, de seu nome Käte Perscht, de 28 anos, é uma das línguas mais malévolas contra Leni, a quem calunia moralmente, se bem que, segundo informação do próprio marido, quando a cidade transborda de homens que vêm para visitar a feira, ela própria consinta em trabalhar num clube nocturno, contra pagamento, num número de *strip*; antes da sua aparição, um locutor de voz oleosa

anuncia que ela está disposta a satisfazer o desejo que as suas actuações provocarem.

Leni tem recentemente uma ou outra oportunidade de dançar. Devido às experiências que teve, aluga agora quartos a casais e a trabalhadores estrangeiros; alugou a um simpático casal jovem, a quem, por uma questão de simplicidade, chamaremos Hans e Grete, dois quartos a um preço vantajoso — e isto devido à sua situação financeira! — e, como Hans e Grete, ao ouvirem música de dança na companhia de Leni, interpretaram acertadamente a sua agitação rítmica, tanto exterior como interior, Leni, uma vez por outra, vem ter com eles para um «inocente pé de dança». Hans e Grete procuram, até, frequentemente e com prudência, analisar a situação de Leni, aconselhando-a a modernizar o vestuário, a mudar de penteado, a arranjar um amante. «Só alguns retoques, Leni, um vestido chique, cor-de-rosa, e meias chiques nas tuas pernas fantásticas, e vias logo como são atraentes ainda.» Mas Leni abana a cabeça, fica demasiado ofendida, deixa de entrar na mercearia, confia as compras a Grete, e é Hans quem, todas as manhãs, antes de ir para o trabalho (ele é técnico da Administração da Construção de Estradas, Grete trabalha com cosméticos e ofereceu-se a Leni — até aqui sem êxito — para a maqui-lhar gratuitamente), vai ao padeiro para lhe trazer de fugida os seus dois indispensáveis pãezinhos frescos a estalar, que são para Leni mais importantes do que os sacramentos para outras pessoas.

É claro que a decoração mural de Leni não é feita apenas com ilustrações de inspiração biológica. Tem também fotografias penduradas nas paredes; fotografias de defuntos: sua mãe, que faleceu, em 1943, com 41 anos, e cujo retrato foi tirado pouco antes de morrer; mulher de expressão sofredora, cabelo grisalho, fino, e grandes olhos, envolta numa manta, está sentada num banco à beira do Reno, em Hersel, na proximidade de um cais onde se decifra justamente esse toponímico, tendo ao fundo as paredes de um convento; a mãe de Leni, vê-se bem, está enregelada; é notável a fadiga dos seus olhos, a surpreendente firmeza da sua boca, num rosto que não dá grande impressão

de vitalidade; nota-se nela que já não tem gosto pela vida; se tivéssemos de lhe calcular a idade, ficaríamos perplexos sem saber dizer se se trata de uma mulher de uns 30 anos desmedidamente envelhecida por um sofrimento secreto, ou de uma sexagenária de membros frágeis que conserva ainda certa juventude. Nesta fotografia, a mãe de Leni está a sorrir, se não doloridamente, pelo menos com esforço.

O pai de Leni, cuja fotografia foi tirada com uma máquina barata tipo «caixote», pouco antes da sua morte, em 1949, aos 49 anos, sorri igualmente, mas o seu sorriso não é de todo forçado; enverga um fato de pedreiro remendado muitas vezes e com cuidado e está diante de uma casa em ruínas, com um martelo do género que tecnicamente se chama «de orelhas» na mão esquerda e, na mão direita, outro martelo designado por «maço» na nomenclatura técnica; diante dele, à esquerda e à direita, e também por detrás dele, jazem vigas de várias grossuras, para as quais era possível que o seu sorriso se dirigisse, como o sorriso do pescador se dirige para a pescaria que fez. E, de facto — como será explicado em pormenor —, trata-se da sua apanha naquele dia; ele trabalhava então para o dono já aqui citado de um viveiro de plantas e que muito cedo se deu conta do valor da «sucata» (afirmação de Lotte H.). O pai de Leni está de cabeça descoberta na fotografia, tem uma farta cabeleira, só ligeiramente grisalha, e seria difícil dar a este homem alto e esbelto, que tão naturalmente segura as suas ferramentas, qualquer espécie de epíteto social válido. Será proletário? Ou cavalheiro? Dá a impressão de alguém que desempenha uma tarefa com a qual não está familiarizado ou dedica-se mesmo a essa tarefa visivelmente dura? O A. inclina-se a crer que ambas as coisas estarão certas, e em ambos os casos. O comentário de Lotte H. acerca desta fotografia reforça-o nessa opinião, pois ela chama-lhe «O Senhor Proletário». No pai de Leni não há o menor indício de lhe faltar o gosto pela vida. Não parece nem mais novo nem mais velho do que é, e revela-se um «homem bem conservado, quase nos 50», capaz de num anúncio de casamento pretender ainda «fazer feliz uma alegre companheira para a vida, se possível de idade não superior a 40 anos.»

As quatro fotografias restantes mostram quatro rapazes, todos à volta dos 20 anos, três deles já mortos e um (o filho de Leni) ainda vivo. Dois desses rapazes apresentam nas fotografias certas deficiências aplicáveis apenas ao vestuário: embora sejam fotografias da cabeça, em duas delas vê-se uma parte do tronco suficiente para reconhecer o uniforme do exército alemão, ornamentado com águia e cruz gamada – composição simbólica conhecida pelos entendidos pelo nome de «abutre rebentado». Trata-se do irmão de Leni, Heinrich Gruyten, e de seu primo Erhard Schweigert, que – como o terceiro jovem morto – se contam entre as vítimas da segunda guerra mundial. Heinrich e Erhard têm um aspecto «de certa maneira alemão» (o A.), parecem-se «de certa maneira» (palavras do A.) com várias fotografias que ainda há por aí de jovens alemães educados; talvez valha a pena, para uma maior clareza, citar aqui Lotte H., que designa os dois por «cavaleiros de Bamberg», caracterização que, como mais tarde se verá, não é de forma alguma mera lisonja. Concretamente, verifica-se que E. é louro e H. tem cabelo castanho; que ambos sorriem, E. «com sinceridade e de forma totalmente irreflectida» (A.), um sorriso agradável e bem simpático. O sorriso de H. já não é tão caloroso, pois descortina-se-lhe nas comissuras dos lábios um vestígio daquele niilismo que habitualmente é confundido com cinismo e que para o ano de 1939, em que as duas fotografias foram tiradas, pode ser definido como quase progressivo.

A terceira fotografia mostra um soviético que se chamava Boris Lvovic Koltowski. Não sorri; a fotografia é uma ampliação quase gráfica de um retrato tipo passe tirada particularmente, em Moscovo, em 1941. B. está sério, pálido; o cabelo nasce-lhe tão atrás que, à primeira vista, parece precocemente calvo; mas sendo espesso, louro e anelado, o cabelo é, afinal, uma característica pessoal de Boris K. Os olhos são escuros e razoavelmente grandes, de tal modo reflectidos por uns óculos do Exército Vermelho que quase se julgaria ser um requinte de reprodução. Vê-se imediatamente que este homem, embora sério, magro e de testa surpreendentemente alta, era jovem quando tirou a fotografia. Está vestido à paisana, de camisa aberta,

colarinho desapertado, e não usa casaco, o que parece indicar que tirou a fotografia no Verão.

O sexto retrato é de um ser vivo, o filho de Leni. Embora, quando foi tirado, ele tivesse a mesma idade que E., H. e B., parece de todos o mais novo; isto talvez se possa atribuir ao facto de o material ser melhor quando tirou a fotografia do que em 1939 e 1941; infelizmente, é inegável que o jovem Lev não só sorri como se ri, até, nesta fotografia de 1965; ninguém hesitaria em lhe chamar um «jovem alegre»; a semelhança entre ele, o pai de Leni e seu próprio pai, Boris, é indiscutível. Tem o cabelo dos Gruytens e os olhos dos Barkels (a mãe de Leni chamava-se Barkel em solteira — nota do A.), pelo que fica ainda mais parecido com Erhard. O riso e os olhos deixam imediatamente perceber que não possui de maneira nenhuma duas características da mãe: não é nem reservado nem discreto.

Cumprе mencionar aqui uma peça de vestuário à qual Leni tem o apego que só dedica às fotografias, às reproduções de órgãos humanos, ao piano e aos pães frescos: o roupão, a que teima chamar erradamente robe. É de «um acolchoado de qualidade dos tempos de paz» (Lotte H.), mas que, como se reconhece pelas costas e pelos cantos dos bolsos, sendo cor de vinho, acabou por ficar — no decurso de trinta anos! — cor de sumo de framboesa bastante aguado. Está remendado em vários pontos, cumpre dizer que por mão experiente, com tecido de algodão cor de laranja. Leni raras vezes se separa desta peça de vestuário, que quase nunca despe, e teria dito, até, que «quando chegar a altura, gostaria de ser enterrada com ela» (Hans e Greta Helzen, informadores no tocante a tudo o que se passava em casa).

Os actuais ocupantes da casa de Leni mereceriam, talvez, uma breve alusão: alugou dois quartos a Hans e Grete Helzen: dois outros a um casal português, a família Pinto, constituída pelos pais, Joaquim e Ana Maria, e pelos filhos do casal, Etelvina, Manuela e José; um a três operários turcos, que se chamam Kaia Tunç, Ali Kiliç e Mehmet Şahin, e que já não são muito novos.

É claro que Leni não teve toda a vida 48 anos, e impõe-se um relance sobre o passado.

Pelas fotografias da sua juventude, Leni seria definida sem hesitação como uma moça bonita e fresca; mesmo com o uniforme de uma organização nazi para raparigas — aos 13, 14, 15 anos Leni tem um ar simpático. Nenhum observador masculino, ao julgar os seus encantos físicos, diria menos do que isto: «Uau, não é nada feia!» O impulso humano para o acasalamento vai do amor à primeira vista, acompanhado do desejo espontâneo de dormir com um indivíduo do outro ou do mesmo sexo, sem insistir em qualquer ligação duradoura, até à paixão mais profunda e perturbante, que produz almas e corpos inquietos; todas as suas manifestações, tão indisciplinadas como indisciplináveis, todas elas, desde as mais superficiais às mais profundas, poderiam ter sido, e foram, despertadas por Leni. Aos 17 anos deu ela o salto decisivo de bonita para bela, que é mais fácil para as loiras de olhos escuros do que para as de olhos claros. Nesta fase, nenhum homem, ao julgá-la, diria menos do que «notável».

É necessário fazer ainda alguns comentários acerca da educação de Leni. Aos 16 anos entrou para o escritório do pai, que se deu conta da sua transição de rapariga bonita para beleza e que, principalmente por causa da impressão que causava nos homens (estamos em 1938), a levou a participar em importantes conversações comerciais de caderno pousado no joelho e lápis em punho, registando de

quando em vez uma ou outra palavra mais significativa. Não sabia estenografia, nem a teria aprendido. Não que sentisse relutância pelo abstracto e pelas abstracções, mas os «gatafunhos», como ela chamava à estenografia, não os quis aprender. A sua educação foi uma via dolorosa, mais para os professores do que para ela própria. Saiu da escola primária com a quarta classe e um diploma medíocre, muito deficiente, depois de por duas vezes não ter propriamente reprovado, mas «desistido voluntariamente». Uma das testemunhas, ainda viva, do corpo docente da escola, o reitor Schlocks, reformado, de 65 anos, que foi possível encontrar no seu lar de idosos, na província, revelou que algumas vezes Leni esteve a ponto de ir para o ensino especial; duas circunstâncias, porém, obstaram a isso: a abastança do pai, que — como Schlocks acentua expressamente — desempenhou um papel apenas indirecto, e nunca directo, e em segundo lugar o facto de Leni, durante dois anos a fio, com 11 e 12 anos, ter merecido o título de «a rapariga mais alemã da escola», atribuído por uma comissão racial que andava de escola em escola para o efeito. Leni esteve quase a ser eleita, até, «a rapariga mais alemã da cidade», mas foi relegada para segundo lugar pela filha de um pastor protestante cujos olhos eram mais claros do que os dela, que já nessa altura não tinham um azul tão claro como outrora. Podia porventura mandar-se para o ensino especial «a rapariga mais alemã da escola»? Aos 12 anos Leni foi mandada para um colégio dirigido por freiras, do qual, porém, teve de sair aos 14 por não avançar nos estudos; no espaço de dois anos reprovou uma vez e passou no outro ano porque os seus pais prometeram solenemente que ela nunca se serviria do diploma. A promessa foi cumprida.

Antes que surjam quaisquer equívocos, convém dar aqui, à guisa de informação objectiva, um esclarecimento acerca das difíceis condições de ensino que pesavam sobre Leni ou às quais ela esteve sujeita. A este respeito não há nenhum problema de culpa, nunca houve problemas desagradáveis nem sequer mal-entendidos — nem na escola primária nem no colégio que Leni frequentou —, era absolutamente

educável, faminta e sedenta, até, de aprender, e todos os intervenientes desenvolveram esforços para apaziguar essa fome ou essa sede. Simplesmente, o alimento e o refrigério que lhe eram oferecidos não correspondiam nem à sua inteligência, nem às suas características, nem à sua compreensão. Na maior parte dos casos, pode dizer-se, até, em todos eles, faltava ao material que lhe era oferecido a dimensão sensual sem a qual Leni era incapaz de apreender. Nunca teve, por exemplo, qualquer dificuldade em escrever, embora fosse de esperar o contrário, num processo tão altamente abstracto; mas é que escrever se encontrava associado no espírito de Leni a percepções visuais, tácteis e mesmo olfactivas (lembremo-nos dos cheiros de várias tintas, lápis, tipos de papel), e era graças a isso que conseguia desempenhar-se satisfatoriamente de composições complicadas com requintes gramaticais; a sua caligrafia – da qual, infelizmente, pouco uso faz – era e é uma caligrafia robusta, simpática e – como assegurou de forma fidedigna o reformado reitor Schlocks (informador no tocante a todos os pormenores pedagógicos *fundamentais*) – capaz de despertar «excitação erótica ou sensual». Duas disciplinas houve, porém, intimamente relacionadas entre si, com as quais teve muito pouca sorte: Religião e Cálculo, ou Matemáticas. Se ao menos um dos professores ou professoras tivesse tido a ideia de explicar à pequena Leni, de seis anos, que o firmamento de que ela tanto gostava podia ser encarado também do ponto de vista matemático e físico, nunca ela se revoltaria contra os pequenos problemas da tabuada nem contra as grandes operações matemáticas, que detestava tanto como certas pessoas detestam aranhas. Sempre se manteve alheia a nozes, maçãs, vacas e ervilhas desenhadas no papel, mediante as quais se procura incutir em estilo banal um certo realismo de cálculo. Não gostava de números, mas tinha, sim, um certo talento para as ciências da natureza, e se, além das flores de Mendel, que surgiam constantemente, ora vermelhas, ora brancas, ora cor-de-rosa, nos livros escolares e em ilustrações, lhe fossem apresentados processos genéticos mais complicados, ela, sem dúvida, conseguiria «entranhar-se» – como tão bem se diz – com ardor em tal matéria. Dada a pobreza do ensino da biologia, viu-se privada

de muitas alegrias que começa agora, já com uma certa idade, a descobrir, ao pintar complexos processos orgânicos com uma caixa de aguarelas baratas. Como convincentemente afirma a Van Doorn, houve um pormenor na existência pré-escolar de Leni de que ela não se esqueceu e que ainda hoje acha tão «estranho» como as ilustrações dos órgãos genitais que ornamentam as paredes da sua casa. Já em criança Leni se interessava apaixonadamente pelos fenómenos excrementais e — infelizmente! — era em vão que pretendia que a esclarecessem, ao perguntar: «Que diabo de coisa é esta que sai de mim?», e nem a mãe nem a Van Doorn a esclareciam! Foi só o segundo dos dois homens com quem Leni viveu, e justamente um estrangeiro, ainda por cima soviético, que descobriu as suas espantosas potencialidades de sensibilidade e inteligência.

Foi também a ele que ela confessou o que mais tarde — entre finais de 1943 e meados de 1945 era muito menos calada do que hoje — contou a Margret: que a primeira e completa «auto-realização» que viveu foi quando, com 16 anos, acabada de sair do internato e indo de bicicleta numa noite de Junho, se deitou de costas na erva «completamente estendida e rendida» (Leni a Margret), os olhos postos no céu cintilante de estrelas, mas ainda com laivos do crepúsculo, e atingiu o ponto de felicidade que actualmente tanto se procura; Leni — assim o contou ela a Boris, como o contou depois a Margret — naquela noite de Verão de 1938, ali estendida e «aberta», deitada sobre a erva quente, teve a impressão perfeita de ser «possuída» e de se ter «oferecido», e — como disse mais tarde a Margret — não se surpreenderia se tivesse ficado grávida. Por isso, para ela não é de forma alguma incompreensível o mistério do nascimento virginal.

Leni saiu do liceu com um triste diploma em que vinha assinalada a sua deficiência em Religião e em Matemática. Durante dois anos e meio esteve num internato, onde estudou Economia Doméstica, Alemão, Religião, um pouco de História (até à Reforma) e também Música (piano).

Antes de homenagearmos uma freira falecida, tão decisiva para a formação de Leni como o tal soviético, ao qual se fará alusão mais ampla, convém citar como testemunhas três freiras ainda vivas, que, embora tenham contactado com Leni há trinta e quatro ou trinta e dois anos, ainda se recordam bem dela, e todas três procuradas em três lugares diferentes pelo A., munido de lápis e canhenho, exclamaram, mal se pronunciou o nome de Leni: «Ah, pois, a Gruyten!» O A. considera significativa esta exclamação idêntica, porque ela prova que a personalidade de Leni deve ter causado uma impressão indelével.

Como as três freiras são unânimes não só na exclamação «Ah, pois, a Gruyten», mas ainda em certos traços físicos, torna-se possível sincronizar alguns pormenores para poupar espaço. Todas três têm aquilo que se designa por pele de pergaminho: uma pele frágil, esticada sobre os malares magros, amarelada, um pouco enrugada; todas três ofereceram (ou mandaram oferecer) chá ao narrador. Não por ingratidão, mas por uma questão de objectividade, é forçoso dizer que o chá de todas três não era muito forte; todas elas ofereceram (ou mandaram oferecer) bolos secos; todas três desataram a tossir quando o autor começou a fumar (malcriadamente, sem pedir licença, para não se arriscar a uma negativa), as três o receberam em locutórios quase idênticos, ornamentados com estampas religiosas, um crucifixo, um retrato do papa que então ocupava o sólio pontifício e outro do cardeal da região; as três mesas nos três locutórios estavam cobertas com mantas de peluche; as três cadeiras eram desconfortáveis; e as três freiras andavam entre os 70 e os 72 anos.

A primeira, a irmã Columbanus, foi directora do colégio que Leni frequentou durante dois anos com tão pouco êxito. Pessoa etérea, de olhos cansados, muito perspicazes, que ali se sentou abanando a cabeça durante quase toda a entrevista, censurando-se por não ter conseguido trazer à luz as qualidades ocultas de Leni. Disse muitas vezes: «Havia nela qualquer coisa, uma força, até, mas não a trouxemos cá para fora.» A irmã Columbanus — formada em Matemática e que ainda hoje (com o auxílio de uma lupa!) lê os livros da especialidade — tinha todo o tipo de pertencer a uma época pioneira de emancipação feminina, com impulso para a educação, o que, no seu

traje de freira, infelizmente, pouco se reconhecia e ainda menos se apreciava. Cortesmente inquirida sobre pormenores da sua carreira, contou que já em 1918 andava vestida de serapilheira, e que tinha sido mais troçada, desprezada e vaiada do que muitos vagabundos da actualidade. Quando o A. lhe contou pormenores da vida de Leni, os olhos fatigados iluminaram-se-lhe um pouco e disse com um suspiro, mas com um impulso de entusiasmo: «Extremos, sim, extremos — a vida dela não podia ser outra coisa.» Observação que fez desconfiar o A. Envergonhado, ele lançou, ao despedir-se, um olhar às quatro pontas de cigarro provocantemente ordinárias, desfeitas num cinzeiro de louça com a forma de uma parra, que devia ser raramente utilizado e onde de vez em quando talvez arrefecesse o charuto de um prelado.

A segunda freira, a irmã Prudentia, tinha sido professora de Alemão de Leni; tinha um ar menos distinto do que a irmã Columbanus, um bocadinho mais corada, o que não quer dizer que fosse verdadeiramente corada, mas sim que o tom róseo de outros tempos ainda era visível, ao passo que a pele do rosto da irmã Columbanus irradiava uma palidez perpétua, já existente na juventude. A irmã Prudentia (veja-se acima a sua exclamação ao ouvir o nome de Leni!) introduziu mais alguns pormenores surpreendentes. «Fiz tudo», disse ela, «para a conservar na escola, mas era impossível, embora lhe desse, e fosse justo dar, *Bom* em Alemão; ela escreveu uma composição fantástica sobre *A Marquesa de O...*, sabe o senhor, um livro que não era permitido, sendo até visto com desagrado, devido ao seu conteúdo melindroso, por assim dizer — mas eu achava e acho que as raparigas de 14 anos deviam ler essa obra à vontade e formar a sua própria opinião —, e eis que a Gruyten escreveu uma coisa magnífica: uma defesa ardorosa do conde F... com uma extraordinária compreensão da, digamos assim, sexualidade masculina que me surpreendeu — magnífico, mereceu um *Muito Bom* —, mas lá estava a deficiência, um *Mau* em Religião, que nem isso se lhe queria dar, e uma negativa baixa e, aliás, bem justificada em Matemática, que a irmã Columbanus teve de lhe atribuir com as lágrimas nos olhos, mas com razão — e lá se foi a Gruyten... lá se foi, teve de ir.»

Quem é Leni Pfeiffer? Mulher fascinante e sensual, viúva de guerra, cidadã alvo de ostracismo devido à sua vida amorosa passada e presente, mãe de um filho a cumprir pena de prisão. Na sua detalhada investigação sobre esta personagem, o autor-narrador de Böll, tal como um detective privado, recorre a fotos, cartas, objectos pessoais, notas e testemunhos de todos os que de alguma forma se cruzaram com Leni: o irmão, Heinrich, morto por deserção, a melhor amiga, Margret, prostituta, a freira Rahel, que lhe serviu de pedagoga, os homens que a tentaram proteger, os seus amantes; é neste caleidoscópio de informação, polémica e contraditória, que se reconstrói a biografia de uma figura enigmática, uma anti-heroína que atravessa os acontecimentos mais marcantes da conturbada História da Alemanha contemporânea: do nazismo à miséria física e moral dos anos da guerra e do imediato pós-guerra, traçando com rigor o retrato de uma inteira geração.

Romance inventivo, «articulado com notável coerência estilística e arquitectónica» (Claudio Magris), ao mesmo tempo trágico, grotesco e lírico, *Retrato de Grupo com Senhora* foi considerado a obra decisiva para a atribuição do Prémio Nobel de Literatura a Heinrich Böll, em 1972.

«O seu romance mais grandiosamente concebido (...) a *magnum opus* que até agora coroa a sua obra.»

Comité do Prémio Nobel

«Extraordinário (...) Uma obra potente da imaginação.»

The Los Angeles Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789896239053



9 789896 239053 >